

OLÍMPIA DE ÉPIRO: UMA LEITURA DOS COMPORTAMENTOS BARBARESCOS DA RAINHA MACEDÔNICA NA OBRA *VIDAS PARALELAS DE PLUTARCO*¹

OLYMPIA OF EPIRUS: READING THE BARBARIAN ACTING OF THE MACEDONIAN QUEEN IN THE WORK *PARALLEL LIVES OF PLUTARCH*

Dominique Vieira Coelho dos SANTOS*
Ana Letícia CONTADOR**

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o papel que Olímpia de Épiro – mãe de Alexandre, o Grande – desempenha na narrativa plutarqueana dentro da obra *Vidas Paralelas*. Tal empreendimento pode nos auxiliar a compreender, por exemplo, como Plutarco aborda a dicotomia grego/bárbaro, pois quando descreve a rainha macedônica ele a caracteriza como detentora de uma natureza rude e comportamentos religiosos desviantes, sendo tão barbaresca quanto às mulheres Edômas e Trácias.

Palavras-chave: Plutarco – Alexandre – Religião – Barbárie – Olímpia de Épiro.

Abstract: This paper aim is to analyze the role that Olympia of Epirus - mother of Alexander the Great - plays in the Plutarchian narrative in the work *Parallel Lives*. Such an effort can help us to understand, for example, how Plutarch discusses the dichotomy greek/barbarian, as when he describes the Macedonian Queen he characterizes her as having a tough nature and deviant religious behavior, being as barbaric as Edonian and Thracian women.

Keywords: Plutarch – Alexander – Religion – Barbarism – Olympia of Epirus.

A Ciência da história se preocupa com o estudo dos homens no tempo, o que significa que o conhecimento histórico só é possível a partir da conjunção de várias temporalidades. Reportando-se a estas questões e tentando caracterizar uma problemática desta natureza, historiadores como Reinhart Koselleck (1979) tem falado de um “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. Para ele, existe um diálogo constante entre as noções de temporalidade. Cada presente não só reconstrói o passado a partir de debates atuais, mas resignifica, recria, inventa também o futuro. Assim, a cada geração os mais variados tópicos precisam ser revisitados, reinterpretados, novos sentidos são atribuídos até mesmo aos temas mais mencionados na historiografia de

* Doutor em História – Professor de História Antiga da FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau, Campus I, CEP: 89012-900, Blumenau, Santa Catarina – Brasil. Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais [www.furb.br/labeam]. E-mail: dvcsantos@furb.br

** Graduanda em História pela FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau, Campus I, CEP: 89012-900, Blumenau, Santa Catarina – Brasil. Bolsista CNPq. Membro do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais. E-mail: analeticiacontador@hotmail.com

uma área específica, seja a História Antiga ou qualquer outra. O campo está sempre aberto para novos olhares, novas investigações e perspectivas (Cf. BARTHES, 1988; LIMA, 1989; BIETENHOLZ, 1994, p.97-107; HAYDEN WHITE, 2001; GUARINELLO, 2003; BREISACH, 2007).

Neste contexto se inserem também as reflexões sobre a obra de Plutarco, que, recentemente, sobretudo no Brasil, tem recebido nova atenção. Além de contarmos com novas traduções dos textos plutarqueanos para o português brasileiro – que tem possibilitado um alcance maior até mesmo para os não especialistas – é possível observar um novo interesse pela biografia histórica nos últimos tempos. Pelo menos é assim que Benito Bisso Schmidt (2012), por exemplo, tem assinalado a questão. O historiador aponta que há “um vertiginoso aumento do número de narrativas biográficas e autobiografias difundidas na forma de livros, filmes, minisséries televisivas, blogs etc.”. O autor lembra também que a biografia ficou um bom período de tempo no ostracismo, chegando a ser considerada como algo menor e antiquado, mas que, novamente, passou a ocupar o primeiro plano da cena historiográfica. Schmidt (2012) tem caracterizado o fenômeno como a “volta da biografia ao campo do conhecimento histórico”.

Evidentemente, a obra de Plutarco não ficaria de fora deste debate. A historiadora brasileira Maria Aparecida de Oliveira Silva (2006), por exemplo, tem abordado o tema em seu livro “Plutarco Historiador: uma análise das biografias espartanas”. Segundo ela, embora tenha sido classificado por muitos estudiosos como apenas um biógrafo, se fizermos uma leitura analítica das obras de Plutarco, perceberemos que ele não somente desenvolveu nela as características principais do trabalho esperado de um historiador de sua época, como se tornou um dos autores mais conhecidos e conceituados no que tange à historiografia greco-romana. Silva ressalta que, frequentemente, os comentadores das biografias plutarqueanas fazem estas conclusões precipitadas porque analisam suas obras apenas de maneira parcial e isolada. Grande parte, por exemplo, utiliza-se do prefácio da *Vida de Alexandre* como espécie de argumento para sustentar a tese de que Plutarco não seguiu preceitos próprios de uma narrativa histórica, entretanto, deixam de analisar o trecho de forma sistemática, em paralelo com as demais afirmações plutarqueanas, o que induz a esta interpretação fragmentada. A historiadora acredita que tais estudiosos não assimilaram a dualidade existente na narrativa plutarqueana, pois enquanto na *Vida de Alexandre* percebe-se a intenção do autor de escrever uma obra biográfica, no prefácio da *Vida de Timoleão*, por

exemplo, Plutarco demonstra familiaridade com os procedimentos adotados pelos historiadores de sua época (SILVA, 2006, p. 23-24).

Como se não bastassem estes debates acadêmicos sobre a questão biográfica, nas últimas semanas, enquanto este artigo estava sendo escrito, novos agitos puderam ser percebidos no que diz respeito à temática abordada. Devido à existência da prática da censura prévia das biografias por parte de alguns cantores e artistas biografados recentemente no Brasil, o que envolveu grandes nomes da nossa música, como Chico Buarque e Roberto Carlos, boa parte dos jornais brasileiros repercutiu inúmeras vezes discussões relacionadas com esta questão, de forma que o assunto ganhou uma nova dimensão. Historiadores como o francês François Dosse e o brasileiro Ronaldo Vainfas, ambos conhecidos estudiosos do gênero, por exemplo, foram convocados a dar entrevistas sobre o tema.

Assim, seja por reconfigurações elaboradas no interior da academia ou porque a questão veio à tona também nestas manifestações da consciência histórica que não estão diretamente relacionadas com o ensino formal de História, o nome de Plutarco passou a ser lembrado com frequência ultimamente. É dentro deste contexto que se introduz nosso interesse pela questão, pois foi nesta revisita à narrativa plutarqueana que percebemos que uma das vidas paralelas escritas por Plutarco, no caso, a de Alexandre, o Grande, continha algumas informações sobre Olímpia de Épiro, mãe do famoso personagem macedônico, ainda não explorada pela historiografia brasileira. Ou seja, dentro da biografia de Alexandre, há uma espécie de minibiografia de sua mãe. A tarefa que nos ocupa neste artigo é analisar, assim, o papel que Olímpia desempenha na narrativa plutarqueana dentro da obra *Vidas Paralelas*. Tal empreendimento pode nos auxiliar a compreender, por exemplo, como Plutarco aborda a dicotomia grego/bárbaro, pois quando descreve a rainha macedônica, ele a caracteriza como detentora de uma natureza rude e comportamentos religiosos desviantes, sendo tão barbaresca quanto as mulheres Edômas e Trácias.

Plutarco de Queroneia: breves considerações sobre a trajetória do Biógrafo-Historiador

Lucius Mestrius Plutarchus (nome que adotou após obter a cidadania romana), ou simplesmente Plutarco, nasceu em 45 d.C. na pequena cidade de Queroneia, ao norte da Beócia, região localizada entre os golfos de Eubéia e Corinto. A cidade serviu de

palco para sangrentas batalhas nas quais triunfaram, curiosamente, homens como Felipe da Macedônia – pai de Alexandre, o Grande – e Sula, como assim é apresentado por Maria Aparecida de Oliveira Silva (SILVA, 2006, p. 25).

Plutarco descendia de família nobre, era filho de Autóbolus e neto de Lâmprias. Ao completar a maioridade, viajou para Atenas para aprender as bases da física, da matemática, da medicina, das ciências naturais, da retórica, da filosofia e das literaturas grega e latina. Mais tarde, na intenção de aprimorar seus conhecimentos, o jovem grego segue viagem para lugares como a Sicília, Ásia Menor e Alexandria, além de áreas da própria Grécia. Em 68 d.C., após concluir os estudos, retorna a sua pátria, onde constitui família, escreve suas obras, assume cargos políticos e, por inúmeras vezes, visita Roma. Depois, no ano de 90 d.C., passa a dedicar parte de seu tempo entre Queronéia e Delfos onde, durante vinte anos, exerce o cargo de sacerdote laico do templo de Apolo.

Os escritos de Plutarco ultrapassam a quantidade de duzentos, porém, cento e trinta deles não chegaram aos nossos dias. Os mesmos estão divididos entre duas obras intituladas *Obras Morais e de Costumes* ou *Moralia e Vidas Paralelas*. A primeira obra resume-se basicamente a tratados filosóficos sobre diversos temas, incluindo política, moral e história. Já em *Vidas Paralelas* estão reunidas cinquenta biografias de antigos chefes militares e governantes políticos. A primeira tradução completa das biografias para uma língua moderna é datada de 1.379, e foi escrita por *Juan Fernández de Heredia*, que, na tentativa de simplificar a narrativa, e com pouco conhecimento da história greco-romana, diluiu o conteúdo da obra, causando interpretações que são consideradas errôneas por muitos historiadores contemporâneos. São mais de vinte pares de biografias, sendo que o primeiro par fora perdido e refere-se à vida de Epaminondas e Cipião, o Africano; contudo, além desse, temos ainda: Teseu e Rômulo, Licurgo e Numa, Agesilau e Pompeu, Alexandre e Júlio César etc. Na obra, é possível verificar a seguinte estrutura: inicialmente, a biografia de um grego, e, sucessivamente, a de um romano. Após apresentar seus personagens, Plutarco realiza uma pequena comparação, preocupando-se em confrontar e equiparar os feitos e valores de ambos os homens. *Vidas Paralelas* é, portanto, uma compilação de biografias de homens ilustres tanto da Grécia quanto da Roma Antiga (CONRADO, 2011, p. 20-22).

Por fim, Plutarco faleceu em 119 a.C. na mesma cidade em que nascera, deixando escritos nas mais diferentes áreas como a filosofia, a religião, a moral e a crítica literária. Abordou também temáticas relacionadas ao espiritual, defendendo o dualismo existente entre bem e mal, sendo muito influenciado pelas ideias de Platão.

As múltiplas facetas de Olímpia: de Rainha Macedônica à Barbaresca Adoradora de Cultos Dionisíacos

Quando o objetivo é estudar temas que estão relacionados, ou envolve, de certa forma, alguma problemática vinculada com o que chamamos de “religião grega”, há de levar-se em consideração, em primeiro lugar, que se trata de uma categoria didática que utilizamos para efeitos de exemplificação, pois o termo não era comum em língua grega para definir um conjunto de práticas, tal qual nós estamos acostumados. Outra questão ainda a ser considerada é que, diferentemente dos dias atuais, estes fenômenos religiosos, na Grécia Antiga, ocupavam todas as esferas sociais. Não se amava, não se praticava o comércio, fazia-se política ou entrava-se em guerra sem estar debaixo da proteção divina.

Se antes, a antiga história política dos grandes nomes, ou aquela história econômica que privilegiava o material como determinante para o agir humano, era uma interpretação suficiente, hoje podemos dizer que houve uma mudança de paradigma, pois tais vieses não são mais predominantes. Surgiram obras importantes sobre os temas mágico-religiosos, agora, no mesmo patamar de interesse que as outras atividades humanas. John Gager (1992), por exemplo, em “*Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World*”, apresenta algumas reflexões sobre as *defixiones* e a importância deste corpus documental único para o conhecimento da relação dos gregos com suas práticas mágico-religiosas, mostrando que dificilmente a vida em sociedade na Grécia poderia ser compreendida sem recorrermos a este tipo de análise. Em “*Polytheism and Society at Athens*”, Robert Parker (2005) afirma o mesmo. A partir de uma pesquisa sobre os deuses ancestrais dos gregos, o autor mostra que dificilmente poderíamos compreender tal sociedade se deixássemos de fora: o papel da religião na vida civil ateniense; as relações entre magia e religião; e a participação destas nas peças teatrais gregas e nos festivais. Consonante a estes estudiosos, Derek Collins (2008), em “*Magic in the Ancient Greek World*”, também apresenta um panorama conceitual sobre magia aliado a uma investigação interessante sobre o contexto das práticas mágico-religiosas na Grécia Antiga, abrangendo também alguns textos romanos, escritos em latim, mas a partir de intercâmbios culturais com o mundo de língua grega. É a partir de um contexto assim que a vida de Olímpia é analisada neste trabalho, pois quando Plutarco a apresenta como uma rainha de comportamentos barbarescos, um de seus principais

argumentos envolve as práticas religiosas da mãe de Alexandre e sua participação nos cultos orgiásticos relacionados com o deus Dionísio.

Retiramos da vida de Alexandre, o Grande, escrita por Plutarco de Queroneia, uma série de fragmentos que são úteis para a análise da visão que o autor apresenta em sua narrativa a respeito de Olímpia de Épiro. Estes trechos são apresentados aqui em português, de modo a facilitar o acompanhamento por parte do leitor, mas, sempre que necessário, para complementar e qualificar a reflexão, nós recorreremos a alguns trechos ou termos do texto em língua grega.

Quando voltamos nossa atenção para estes fragmentos, podemos perceber que ao mesmo tempo em que Olímpia é uma rainha, esposa de Felipe II, e mãe de Alexandre, o Grande, ela é também apresentada como tendo comportamentos desviantes e categorizada como “bárbara” por causa de tais práticas. Parece que a intenção de Plutarco em representá-la assim não está relacionada com o fato de ser uma rainha macedônica, pois o mesmo tratamento não é aplicado nem ao seu marido, nem ao seu filho. Vejamos o primeiro destes fragmentos no qual Plutarco dispensa tais caracterizações à Olímpia:

Isso é ainda contado de outra maneira: é que as mulheres dessa geração em toda a antiguidade são ordinariamente tomadas pelo espírito de Orfeu e pelo furor divino de Baco sendo, por isso chamadas Clódones e Mimálones, como quem diz furiosas e belicosas, e fazem várias coisas semelhantes às mulheres Edômas e Trácias, que habitam ao longo da montanha de Emo; de modo que parece que essa palavra *Trescevino* que em língua grega significa curiosa e supersticiosamente dedicar-se às cerimônias do serviço dos deuses, derivou-se delas; e Olímpia, amando tais inspirações e furores divinos, exercendo-os mais barbaresca e excessivamente do que as outras, atraía para si em suas danças grandes serpentes, as quais, deslizando muitas vezes por entre as heras com que as mulheres se cobrem em tais cerimônias, e fora das cirandas sagradas que transportam, e enrodilhando-se à volta dos dardos que seguram nas mãos e dos chapéus que trazem à cabeça, espantavam os homens (PLUTARCO, Vida de Alexandre: cap. III, Chaves, 2008; *Tesaurus Linguae Graecae/TLG*: 2.7-9).

No fragmento acima, lemos que há um conjunto de mulheres “dessa geração” em “toda a antiguidade”, que são tomadas pelas ações de alguns deuses (Orfeu e Baco. Em grego, o nome da divindade aparece no acusativo: Διόνυσον, ou seja, Dionísio). Quando isto ocorre, Plutarco afirma que elas são dadas à fúria e a vontade de guerrear, tornam-se “belicosas”. Este não é o comportamento natural destas mulheres, uma

transformação acontece, é somente depois da interferência causada por estes poderes suprasensíveis que elas passam a agir de outra maneira. Neste momento, já praticantes desta má conduta, elas assemelham-se às mulheres Edômas e Trácias.

Na narrativa plutarqueana, parece que o importante é o fato destas personagens praticarem uma forma de desmedida, um excesso, uma espécie de *hybris* relacionada com a religião, algo que deve ser evitado. As práticas condenadas são associadas com algo imoderado e supersticioso, termos que aparecem em grego no dativo plural: “ταῖς κατακόροις [...] καὶ περιέργοις”. O tema preocupou Plutarco em diversas ocasiões e pode ser percebido também em outros textos que escreveu, como, por exemplo, no trecho 63 da Vida de Júlio César. Além do mais, o mesmo redigiu sobre esta questão, em *Περὶ δεισιδαιμονίας πρὸς Ἐπίκουρον* (*de Superstitione*, em latim), uma demonstração de que trata-se de algo importante para ele.

O problema não é o relacionamento com o divino, e nem mesmo o fato de isto se dar com relação a esta ou aquela divindade, mas a maneira como isto ocorreu, dedicar-se às cerimônias de serviço aos deuses de maneira supersticiosa. A estratégia da narrativa plutarqueana presente no fragmento que acabamos de ler é a seguinte: primeiro ele menciona as mulheres cometendo tais deslizes religiosos; depois, ele associa Olímpia com elas. São dois momentos, caracterização do erro e associação da rainha com estas práticas equivocadas. Uma vez que o cenário está definido, aí Plutarco complementa seu ponto de vista afirmando que Olímpia era afetada por estas divindades mais do que as outras mulheres. De forma muito mais zelosa (ζηλώσασα) exercia estas práticas, de maneira “mais barbaresca e excessiva” (ἐνθουσιασμοῦς [...] βαρβαρικώτερον) do que todas elas, de acordo com o fragmento, atraindo até mesmo “grandes serpentes” para realizar seus rituais, animais que eram carregados em cestos e, vez ou outra, deixavam estes compartimentos “deslizando por entre as heras com que as mulheres se cobrem”, uma característica presente nos rituais dionisíacos. Interessante, é que no documento em língua grega aparece o termo ἐνθουσιασμοῦς, que pode significar um exagero, uma inspiração, um entusiasmo, um frenesi, furor, delírio, uma espécie de loucura, um arrebatamento do estado corriqueiro, exaltação. Atitudes que, em algumas ocasiões, também podem ser produzidas por certos tipos de música.

Se traçarmos uma sistematização dos vocábulos que Plutarco usa em língua grega neste fragmento específico, teremos uma noção ainda mais clara do que parece ser o problema associado à imagem de Olímpia. Convidamos o leitor a fazer o exercício de olhar para estes termos em sequência, de modo a observar somente estes pontos no

trecho que analisamos. É neste contexto que a mãe de Alexandre aparece associada com os seguintes vocábulos: Ὀρφικοῖς; Διόνυσον; ὀργιασμοῖς; κατακόροις; περιέργοις; ἐνθουσιασμοῦς; βαρβαρικώτερον. E a palavra ζηλώσασα, que interessa, pois, conforme abordamos mais acima, a função dela no texto é mostrar que Olímpia não somente praticava tais comportamentos desviantes, mas também os exercia de forma mais “zelosa” do que as outras mulheres.

A questão do dionisismo é muito importante. O grande historiador do helenismo Johann Gustav Droysen (2010), em seu livro, hoje clássico, “Alexandre, o Grande”, também percebeu isto. Ele já se preocupava com estas representações que Plutarco fez sobre Olímpia de Épiro. Além de descrições relacionadas com o parentesco da rainha macedônica, Droysen afirma que ela era “bela, desconfiada e cheia de ardores contidos”. Ele lembra que Olímpia havia “se consagrado inteiramente ao culto misterioso de Orfeu e de Baco, e à magia oculta das mulheres da Trácia”. O historiador afirma ainda que “no decorrer das orgias noturnas, era vista algumas vezes precedendo os cortejos rituais, correndo através das montanhas possuída por um delírio sagrado, agitando da cabeça o tirso” (DROYSEN, 2010, p. 70). Apesar da obra de Droysen não ser sobre Olímpia, e muito menos se concentrar neste aspecto, podemos notar que a questão foi bem contemplada em suas reflexões sobre Alexandre, dificilmente poderia ser diferente, pois a religião desempenha papel fundamental na narrativa plutarqueana, sobretudo nos cultos dionisíacos.

Segundo Marcel Detienne (1988, p.21), Dionísio era um deus grego, e os gregos nunca negaram sua existência. Porém, esta divindade, quando vinculada com alguma cultura estrangeira, pode ser considerada também como mais próxima aos bárbaros do que aos gregos. Dionísio, embora tenha nascido em solo grego, tornou-se numa figura ambígua dentro desta própria cultura helênica. Quem analisa estas questões, e a própria dicotomia que envolve esta divindade e suas caracterizações como alguém que ora aparece relacionado à atividades campestres ora em ações que acontecem na Pólis, é Leandro Mendonça Barbosa. Para o autor, Dionísio é uma divindade que difundiu-se nos ambientes mediterrânicos da Grécia e Ásia Menor. Trata-se de um deus que é considerado uma entidade de mistérios, um personagem a ser desvendado. Dionísio é o deus “da máscara”, o que está entre a ordem e o caos, o que prega peças, que é capaz de suscitar o furor, o rompimento da normalidade cotidiana, mesmo que depois tudo precise ser reestabelecido (BARBOSA, 2011).

Plutarco parece querer enfatizar que Olímpia não sabia medir as coisas, se entregava ao culto dionisíaco para além da conta. No nosso entendimento, todas as caracterizações subsequentes a ela na obra de Plutarco serão acompanhadas por esta imagem: a de uma mulher que excede o permitido, que se desvia da ordem desejável, de comportamentos barbarescos. Assim, além de elementos de caráter linguístico como definidores do que seria um “bárbaro”, temos também maneiras de agir, de pensar, de se comportar, ou de prestar cultos a esta ou aquela divindade.

Maria de Fátima Silva (2009), da Universidade de Coimbra, aponta que num dado período histórico, os contatos entre gregos e bárbaros ganharam relevância primordial, tornando-se num fator de identidade cultural. Em seu estudo, Silva (2009, p.59-60) estabelece a linguagem como elemento de coesão cultural, criadora de uma identidade grega, objeto de resistência ao estrangeiro, o bárbaro. Apesar de estar se referindo à obra de Heródoto, parece que estas acentuações foram adotadas por muitos autores posteriores, inclusive Plutarco, que além de prestar atenção a estes elementos de linguagem, faz uso da religião para explicar tais diferenças.

Estas questões são discutidas, por exemplo, na obra “Gregos, Bárbaros, Estrangeiros: a cidade e seus outros”, de Bárbara Cassin, Nicole Louraux e Catharine Peschanski (1993). As autoras apresentam a noção de “bárbaro” como sendo aqueles que não nasceram em território grego, e que não aderiram aos costumes helênicos, assim, um dos elementos definidores do que é “bárbaro” ou não, é a cultura (CASSIN; LOURAU; PESCHANSKI, 1993, p. 107), fenômeno que podemos perceber na narrativa plutarqueana a respeito de Olímpia. Vamos observar a continuidade do discurso de Plutarco analisando o próximo fragmento:

Não obstante, depois que teve essa visão, Felipe enviou Queronte de Megalópolis ao oráculo de Apolo em Delfos, para indagar o que seria aquilo e o que devia fazer; e ali lhe foi respondido que sacrificasse a Amon e o reverenciasse acima de todos os outros deuses"; mas perdeu um dos olhos, aquele que pusera no buraco da fechadura do quarto, quando viu esse deus em forma de serpente deitado junto com sua mulher. E Olímpia, segundo escreve Erastóstenes, dizendo adeus ao filho, quando este partiu para a conquista da Ásia, depois de lhe ter revelado, a ele somente em segredo, de quem e como o concebera, pediu-lhe e aconselhou-lhe que tivesse coragem digna daquele que o gerara. Dizem outros, ao contrário, que ela detestou essa história, falando: “Não cessará Alexandre de tornar-me suspeita à deusa Juno, fazendo-a ter ciúmes de mim?” (PLUTARCO, Vida de Alexandre: cap. IV, Chaves, 2008; *Tesaurus Linguae Graecae/TLG*: 3.1-4).

Novamente, apesar de um direito à dúvida manifesto no último trecho, confirmado pela sentença a partir de “dizem outros, ao contrário” e “ela detestou essa história”, o que pode ser utilizado para demonstrar também o lado historiador de Plutarco, observamos no fragmento mais reprovações à Olímpia, precisando estes apenas serem confirmados ou não. Aqui, é dito que Filipe perderia um de seus olhos por ter observado sua mulher deitada com o deus Amon em forma de serpente. Ou seja, uma de tantas aparições de Zeus (em grego: Ἄμμωνι) em forma de algum animal. Neste trecho, Olímpia, ao se despedir de Alexandre, antes deste partir para a conquista da Ásia, revela-lhe que ele era filho de uma divindade (pelo menos em uma das versões apresentadas por Plutarco), e que fora concebido em meio a rituais dionisiacos. Esta confissão da rainha serve para encorajar Alexandre. Agora, sabendo que seu pai é um deus, este deverá agir como filho de um. Apesar da possibilidade de dupla interpretação sobre as ações de Olímpia, uma leitura dos próximos fragmentos pode confirmar que Plutarco constrói uma imagem negativa acerca da rainha. Em quase todos os fragmentos que se referem à mãe de Alexandre, é possível notar que Plutarco censura as atitudes da mesma, descrevendo-a como uma mulher ciumenta, raivosa e sedenta por vingança, conforme observamos abaixo:

Por aquelas coisas, o pai, como se pode imaginar, amava-o unicamente, e era fácil ouvir os macedônios chamarem rei a Alexandre e capitão a Felipe. Mas as perturbações que desde então lhe ocorreram em casa por causa de suas novas núpcias e novos amores, deram motivo a grandes divergências e pesadas disputas entre eles, porque o mal da dissensão e ciúme das mulheres chegou ao ponto de partir os corações dos próprios reis, tendo sido disso causa principal a rude natureza de Olímpia. Mulher ciumenta, colérica e vingativa por natureza, além de irritar o próprio filho, ela aumentava as queixas que ele tinha do pai (PLUTARCO, Vida de Alexandre: cap. XIV, Chaves, 2008; Taurus Linguae Graecae/TLG: 9.4-6).

Como foi possível ler acima, Plutarco agora aborda a natureza de Olímpia, ou seja, seu caráter. Ela tinha um comportamento muito áspero, sua forma rude de ser interferia na vida de Felipe e, principalmente, na de Alexandre, o que causava muitos problemas em casa. Lemos que a mãe de Alexandre era “ciumenta”, “colérica” e “vingativa”, além de irritar o próprio filho, ela “aumentava as queixas que ele tinha do pai”. A partir deste fragmento, podemos interpretar que quando Plutarco menciona Olímpia, ele a faz aparecer na narrativa figurando ao lado de termos negativos. O leitor

interessado em observar a quantidade deles, pode insistir no exercício que propusemos ainda há pouco e reunir os vocábulos deste fragmento com aqueles do trecho anterior relacionado aos comportamentos desviantes da rainha, tendo em vista os cultos dionisíacos. Como se não bastasse, logo em seguida, Plutarco relata outra característica de Olímpia nada desejável, ela é também homicida. Vejamos:

Algum tempo depois, Pausânias, tendo sido vilmente ultrajado em seu corpo, com ciência e por ordem de Átalo e de Cleópatra, e não tendo podido obter reparação nem justiça de Felipe, voltou sua ira contra ele e matou-o ele próprio por despeito. Desse homicídio a culpa foi em grande parte atribuída a Olímpia, a qual, segundo dizem, incitou e impeliu esse jovem fervente de raiva a assim proceder. Mas também houve alguma suspeita em relação a Alexandre, pois dizem que, como Pausânias lhe falasse de seu caso após a injúria recebida e a ele se queixasse, recitou os versos que se encontram na tragédia da Medeia, do poeta Eurípides, quando ela diz, furiosa, que se vingará do homem casado e da mulher casada ou da que for com ele amancebada. Todavia, mais tarde, mandou com diligência procurar e punir severamente todos os cúmplices da conjuração, e não gostou que sua mãe Olímpia tivesse tratado Cleópatra com crueldade (PLUTARCO, Vida de Alexandre: cap. XVII, Chaves, 2008; *Tesaurus Linguae Graecae/TLG*: 10.6-8).

Aqui podemos observar que “a grande culpa” do homicídio foi atribuída à Olímpia, pois foi ela quem “incitou” e “impeliu” o autor da ação (apesar das suspeitas recaírem também em relação a Alexandre). No entanto, o fragmento termina com uma nova ação negativa atribuída à rainha, ela tratou Cleópatra “com crueldade”, mais um adjetivo que contribui para a depreciação de sua imagem. Além de ter sido considerada a principal acusada deste homicídio, foi ainda responsável por muitos outros, conforme a narrativa plutarqueana. No fragmento número 77.2 da Vida de Alexandre escrita por Plutarco, lê-se que Olímpia “mandou matar muita gente”. O documento ainda contém um último fragmento, no qual o episódio que narra a morte de Arideu é abordado, novamente, responsabilidade da rainha macedônica (PLUTARCO, Vida de Alexandre: cap. CXXV, Chaves, 2008; *Tesaurus Linguae Graecae/TLG*: 77.6-8). Ou seja, mais uma de suas artimanhas. A partir do que foi exposto, fica evidente que Plutarco tomava Olímpia como portadora de uma má conduta, sempre se envolvendo em diversas ações reprováveis, e de um comportamento tipicamente barbaresco.

Considerações Finais

A obra de Plutarco, além de vasta, é muito complexa, ela fornece subsídios para que sejam trabalhados os mais diversos temas relacionados com a vida das sociedades antigas, não só de romanos e gregos, mas também egípcios e outros povos do período histórico que nos acostumamos a denominar de Antiguidade. Uma das tarefas possíveis com relação aos estudos sobre os escritos plutarqueanos, e que tentamos empreender neste trabalho, fora compreender como a dicotomia grego-bárbaro é abordada em suas *Vidas Paralelas*, utilizando como referência o exemplo de Olímpia de Épiro – mãe de Alexandre, o Grande.

O autor tenta construir a imagem de Olímpia enquanto uma personagem de natureza corrompida e atitudes desprezíveis, sem deixar, é claro, de ser uma rainha. Isso se deve, todavia, em razão da mesma cultuar ao deus Dionísio, que é uma divindade grega, mas que está vinculada aos costumes “bárbaros” pelo fato de seu culto ter sido aderido por culturas estrangeiras, no caso da obra, as mulheres da Trácia. Além disso, Olímpia faz isto com desmesura, apresentando comportamentos desviantes. Seria difícil não perceber a mãe de Alexandre como de múltiplas facetas. Se por um lado, ela é a rainha da Macedônia, esposa de Filipe II e mãe de um dos maiores personagens da literatura antiga, por outro, ela é hostil, rude e barbaresca, adoradora desmedida dos cultos dionisiacos, conforme pudemos perceber por meio da análise documental.

Referências Bibliográficas

Documentação utilizada

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Vida de Alexandre*. Trad. CHAVES, Carlos. São Paulo: Editora Edameris, 2008.

ΠΛΟΥΤΑΡΧΟΣ. Βίοι Παράλληλοι (Vida de Alexandre). Acervos de fontes indexadas pela database digital *Tesaurus Linguae Graecae/TLG*.

Obras gerais

BARBOSA, Leandro Mendonça. O Estrangeiro e o Autóctone: Dionísio no Mediterrâneo. *Mare Nostrum - Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo*, São Paulo, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/leir/marenostrum/marenostrum-v2-2011/marenostrum-v2-2011.html>> Acesso em: 28 Out. 2013.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BIETENHOLZ, PETER G. *Historia and Fabula: myths and legends in historical thought from antiquity to the modern age*. London: Brill, 1994.

- BREISACH, Ernert. *Historiography: Ancient, Medieval, and Modern*. Chicago Press, 2007.
- CANDIDO, Maria Regina.; DUARTE, Alair Figueiredo; ESTEVES, A. A. M. (orgs.). *Práticas Religiosas no Mediterrâneo Antigo: Religião, Ritos e Mito*. Rio de Janeiro: Editora Rio-DG, 1. ed., 2012.
- _____. *A Feitiçaria na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: Letra Capital/ FAPERJ, 2004.
- _____. *Kerameikos, o lugar antropológico dos praticantes da magia em Atenas*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ (60538), 1. ed., 2010.
- _____.; COSTA, Carlos Eduardo da (orgs.). *Práticas Religiosas no Mediterrâneo Antigo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2011.
- CASSIN, Bárbara; LORAUX, Nicole; PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros e estrangeiros*. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro, 1993.
- COLLINS, Derek. *Magic in the Ancient Greek World*. Malden: Blackwell, 2008.
- CONRADO, Amanda da Cunha. Alexandre, uma visão plutarquiã a respeito dos bons costumes e de uma possível verdade em história. *Alétheia – Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, v. 2, p. 19-26, 2011.
- DETIENNE, Marcel. "Mito/rito". In: *Enciclopédia Einaudi: Mytho/Logos – Sagrado/Profano*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987, vol. 12.
- _____. *Dioniso a Céu Aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DOBROUKA, Vicente. Flávio Josefo. In: PARADA, Maurício. (org.). *Os historiadores: clássicos da história*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. Historiografia helenística em roupagem judaica: Flávio Josefo, história e teologia. In: JOLY, Fábio (org.). *História e retórica*. Ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2007.
- _____. *História e apocalíptica: ensaios sobre tempo, metahistória e sincretismo religioso na Antiguidade*. Brasília: Edição do autor, 2009.
- _____. *História e milenarismo: ensaios sobre tempo, história e o milênio*. Brasília: EDUnB, 2004.
- DROYSEN, Johann Gustav. *Alexandre: o Grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- FERREIRA, José Ribeiro; LEÃO, Delfim Ferreira. *Os Fragmentos de Plutarco e a recepção da sua obra*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. As religiões que o mundo esqueceu. *História e-História*, Campinas, p. 1-4, 2009.
- GAGER, John Goodrich. *Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World*. New York: Oxford University Press, 1992.
- GODOY, Arnaldo Moraes. Plutarco, Alexandre e a Idealização Romântica da Pólis. *Revista Jurídica UNIGRAN*, Dourados/MS, v. 4, n. 8, 2002.
- GUARINELLO, Norberto. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. *Politeia: hist. e soc., Vitória da Conquista*, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.
- _____. *História Antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HAYDEN WHITE. *Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 2001.
- JANOWITZ, Naomi. *Magic in the Roman World: Pagans, Jews and Christians*. London: Routledge, 2001.
- JOSÉ, Natália Frazão. Plutarco de Queroneia e suas Vidas Paralelas. *História e-História*, Campinas, p.1-12, 2009.
- KOSELECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativa. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1979, p. 311-337.
- LIMA, Luís Costa. *A Aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MARTINS, Estevão de Rezende. O caráter relacional do conhecimento histórico. In: COSTA, Cléria Botelho (org.). *Um passeio com Clio*. Brasília: Paralelo 15, 2002, p.1-24.

_____. *Veritas filia temporis?* O conhecimento histórico e a distinção entre filosofia e teoria da história. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 34, p. 5-34, 2009.

PARKER, Robert. *Polytheism and Society at Athens*. New York: Oxford University Press, 2005.

PINHEIRO, Joaquim; FERREIRA, José Ribeiro; MARNOTO, Rita. *Caminhos de Plutarco na Europa*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 187-205.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e a tradição cultural grega no Império. *História em Reflexão*, Dourados, v. 4, p. 1-14, 2008.

_____. As imagens de gregos e romanos em Plutarco. In: XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2004, Campinas. *Anais do XVII Encontro Regional de História: O lugar da História*. Campinas: UNICAMP, 2004.

_____. Plutarco e a presença dos bárbaros na Grécia. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 48/49, p. 61-75, 2008.

_____. *Plutarco Historiador: uma análise das biografias espartanas*. São Paulo: Editora EDUSP, 2006.

_____. Língua, identidade e convivência étnica nas histórias de Heródoto. *Humanitas*, Coimbra, p. 59-82, 2009. Disponível em:

<<http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas61/61.04>>. Acesso em: 25 Out. 2013.

Notas

¹ Esta publicação só foi possível devido aos recursos financeiros previstos no edital nº 04/2012 - PiPE/Artigo 170 - disponibilizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de Blumenau (FURB) e possibilitado pelo Governo do Estado de Santa Catarina.

Artigo recebido em 26/10/2013. Aprovado em 10/12/2013.